



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024. xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E 1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A EXTREMA DIREITA HITLERISTA

*Juberto Antonio Massud de Souza
Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre
Bruna Torrecilha Cessel
Diego Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi
Letícia José Pedrozo
Maria Eduarda Fiorini
Nathalia Soares de Lima*

Os bares

Ficavam cheios nas noites de debates.

E então nenhum nazista mais ousou

Andar sozinho por nossas ruas

Pois as ruas pelo menos são nossas

Depois que eles nos roubaram as casas

(Bertold Brecht, 2012. Quando o fascismo se tornava
cada vez mais forte na Alemanha).

O Grupo de Estudos Historiográficos de Psicologia Soviética das décadas de 1930 e 1940, desenvolvido na Universidade Federal de Dourados (UFGD), foi criado após disciplina de Tópicos em Psicologia Social, e teve como objetivo compreender como parte da psicologia

soviética se desenvolveu e se articulou na crítica aos fundamentos da psicologia alemã durante a ascensão do nazismo e, como consequência, se envolveu nos conflitos durante a Segunda Guerra Mundial como parte das atividades ligadas ao Exército Vermelho. Foi coordenado a partir das atividades desenvolvidas pelo Prof. Dr. Juberto Antonio Massud de Souza e teve presente em sua composição alunos de psicologia do primeiro e segundo ano, assim como alunos de outros cursos que se interessavam, principalmente pela discussão política dentro do GE. Entre eles, alunos de Pedagogia e de História participaram. Os encontros foram realizados nas sextas-feiras, sempre na sala 101 do bloco A, da UFGD. E aqui, parte desses alunos assinam a coautoria do capítulo.

A demanda do grupo de estudos surgiu com a necessidade de compreensão de como processos históricos que outrora sedimentaram o terreno para a ascensão de uma extrema direita e pareciam superados, emergiram na realidade brasileira, se tornando cada vez mais comuns na vida nacional. Alusões e referências constantes ao fascismo de tipo alemão se tornaram parte do cotidiano na recente política brasileira³⁶.

³⁶ Alguns exemplos representativos desse período são de episódios conhecidos nacionalmente como quando influenciador digital em programa junto a deputado federal defendeu abertamente a criação de partido nazista no Brasil em nome da liberdade de expressão. Também tivemos um ex-secretário de Cultura emulando a estética e parte do discurso do ministro de Propaganda da Alemanha nazista Joseph Goebbels em propaganda do governo federal. Como casos particulares, outros exemplos foram lembrados. Recentemente, o SS, em referência a *Schutzstaffel* nazista, foi desenhado nas paredes do curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), obrigando seu Instituto de Psicologia a lançar nota contrária

Neste sentido, como forma de explicar como a ascensão de uma extrema direita organizada no fascismo clássico - de tipo italiano de Benito Mussolini (1883 - 1945), de tipo alemão com Adolf Hitler (1889 - 1945), e de tipo japonês com Hirohito (1901 -1989) - pôde ser enfrentada com a utilização de profissionais da psicologia desempenhando determinadas funções dentro de uma estratégia mais ampla conduzida por uma das forças envolvidas do teatro de guerra. Sendo este o motivo que também pode servir para a contribuição para outros profissionais, que a partir do capítulo do livro, tenham material para conduzir discussões historiográficas na temática. As discussões se centraram em diferentes momentos, que foram plasmados na organização do respectivo capítulo.

Desta forma, a organização deste capítulo segue a seguinte estrutura: o Relato da Experiência de Ensino, em que serão expostos a forma de funcionamento do GE,

a tal ato. Ainda, suásticas foram desenhadas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) após criminoso incêndio em sala ao lado do Diretório Central dos Estudantes (DCE) no ano de 2014. Enquanto discutíamos parte da obra de Hitler no GE, duas notícias mais nos chamaram a atenção. *Mein Kampf* foi exibido no plenário da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul por deputado bolsonarista com fala ambígua, não sendo discernível se o apoiava ou repudiava. Ainda, dentro os recentes atentados em escolas, um dos autores utilizava a suástica em sua vestimenta. Aquilo que estávamos discutindo sobre a tendência a violência e reacionarização em tempos de crise econômica e social se mostrava com nitidez bem definida em exemplos concretos recentes. Na última revisão deste capítulo, mais uma notícia. Outro deputado federal, em discurso, homenageou a luta de seu avô contra os comunistas durante a Segunda Guerra na Divisão *Galizien*. O que ele ocultou, e se tornou amplamente discutido na imprensa, era que a referida Divisão ucraniana, a 14.ª Divisão de Granadeiros da *Waffen SS Galizien* estava diretamente subordinada a SS nazista.

assim como foram planejadas e organizadas as suas discussões, incluindo as referências bibliográficas que embasaram os debates, e foi dividida em três diferentes momentos, sintetizando parte das discussões de cada um deles. São eles: as perseguições e as capitulações frente ao nazismo; as bases ideológicas entre os contendentes e a psicologia soviética frente a invasão hitlerista e a Grande Guerra Patriótica. Em seguida, a Análise e Avaliação da Experiência de Ensino, em que fizemos o balanço parcial do funcionamento do GE com seus aspectos positivos e negativos, a partir de todos que participaram de ao menos um encontro, objetivando relatar as qualidades e as dificuldades envolvidas no entendimento do material utilizado.

AS PERSEGUIÇÕES E AS CAPITULAÇÕES FRENTE AO NAZISMO

Neste primeiro momento do GE, seu início e primeiros encontros, foram caracterizados por aulas expositivas, com utilização de grande número de referências bibliográficas que sintetizassem o impacto da Segunda Guerra nas variadas escolas de psicologia. O caráter mais professoral e expositivo tinha por objetivo dar uma perspectiva introdutória e ampla da temática, assim como das determinações sociais que incidiram dentro da história da psicologia a partir da década de 1930 e, conseqüentemente, nas seguintes.

Inicialmente, um panorama geral de como a ascensão hitlerista impactou parte da psicologia europeia, em especial a alemã. Com o deslocamento de parte do corpo destes profissionais para o exílio, principalmente, em direção aos EUA, assim como suas

elaborações a respeito da experiência durante os anos do nazismo. Os autores, e conseqüentemente seus escritos, estudados foram aqueles ligados a três correntes teóricas: Escola de Frankfurt, Psicanálise e Gestalt. Em comum entre essas três correntes, profissionais que foram obrigados a exilar-se do país, assim como a incapacidade de construir algum tipo de resistência coletiva que conseguisse obstruir a ascensão nazista.

Dito isso, partimos da sistematização feita com relação à posição dos membros do Instituto para Pesquisa Social, também conhecido como Escola de Frankfurt, com relação à ascensão da extrema direita alemã e suas posições intelectuais e ausência de prática concreta frente ao combate ao nazismo. A conhecida analogia de suas teorias críticas a um Grande Hotel Abismo foi tomada como base de explicação³⁷. Exemplificando a “radicalidade da crítica”, articulando de forma eclética o marxismo e a psicanálise, numa síntese que resultou em milhares de páginas altamente

³⁷ A analogia se refere a estes teóricos que como presentes no conforto de um grande hotel à beira de um abismo estavam desvinculados de qualquer prática contra a ascensão do nazismo, enquanto combates de rua entre a esquerda e a extrema direita tornavam-se cada vez mais violentos, limitando-se a mera radicalidade nas palavras, a despeito de sua inatividade. Detinham certo conforto material pela posição de intelectuais opositores apenas em palavras, que neles reforçava a ilusão de oposição real, sendo na verdade mero conforto espiritual. Desta forma, era “um setor da intelectualidade - no estado de desespero crônico, na borda do abismo - no estado de paralisação, de tal modo que um setor da intelectualidade se sente aqui como em casa - no estado de desespero crônico, na borda do abismo - e já não sente desejos de prosseguir. Melhor dizendo: tem o gesto de avanço radical, incluindo a fantasia - honesta - do avanço radical. Mas, objetivamente se move - no estado de desespero crônico à borda do abismo - em círculos constantes” (LUKACS, 1933, p. 5).

intelectualizadas, ao mesmo tempo descoladas com a prática. Direcionamo-nos então para algumas discussões de alguns dos representantes, tendo em vista a capitulação e fuga principalmente para os EUA.

Como forma de exemplificar algumas das trajetórias do Instituto, retomamos a biografia de Walter Benjamin (1892 - 1940), exceção daqueles que vão em direção aos EUA. O mais brilhante intelectual da Escola de Frankfurt suicidou em 1940 na fronteira da França com a Espanha, por não ter visto de entrada, tomou um comprimido de cianureto após descobrir que a fronteira estava fechada³⁸. No dia seguinte, ela foi aberta. No entanto, em sua fuga, algumas de suas cartas trocadas com Theodor Adorno (1903 - 1969) (ADORNO, 2012) foram preservadas e utilizadas como exemplos em nosso grupo. As referências das fontes secundárias foram retiradas de Soares (2005) e Jay (2008).

De Adorno, foi utilizado parte sobre seu mais conhecido trabalho relacionado ao nazismo. Estudos sobre a Personalidade Autoritária, escrito em conjunto com outros pesquisadores em momento em que já se encontrava em terreno estadunidense, quando desenvolveu pesquisa para tentar compreender as características daquilo que chamou de indivíduo potencialmente fascista, assim como quais os elementos caracterizariam a chamada personalidade autoritária³⁹.

³⁸ A última e trágica carta de Benjamin pedindo que Henny Gurland entregasse a Adorno dizia: "numa situação sem saída, não tenho outra escolha senão pôr fim a tudo. É num vilarejo nos Pireneus onde ninguém me conhece que minha vida vai se acabar" (ADORNO, 2012, p. 476).

³⁹ Sobre as características do indivíduo potencialmente fascista, colocaria que "duas concepções essenciais podem ser distinguidas: a

Ainda, articulamos a discussão em torno de seu texto Educação após Auschwitz, principalmente destacando a sua tendência liberal, marcadamente através do individualismo e educacionismo, que foi acentuada em sua teoria quando esteve nos EUA⁴⁰.

Outro representante lembrado neste momento foi Herbert Marcuse (1898 - 1979). Parte das discussões foram retiradas de seus livros Contra-revolução e Revolta, O Homem Unidimensional e O Marxismo Soviético (MARCUSE, 1973, 1975, 1982), assim como de Thorkelson (2020). Este último com prefácio de Angela Davis (1944 -), inicialmente sua aluna e, por sua intervenção, foi estudar na Alemanha com Adorno na década de 1960. Interessante notarmos que após sua fuga para os EUA, refletindo essa tendência de críticos da extrema direita em palavras, mas que se ligavam a organizações

concepção da ideologia e a concepção das necessidades subjacentes na pessoa. Embora as duas possam ser pensadas como formando um todo organizado dentro do indivíduo, elas podem, não obstante, ser estudadas separadamente. As mesmas tendências ideológicas podem, em diferentes indivíduos, ter fontes diferentes, e as mesmas necessidades pessoais podem expressar-se em diferentes tendências ideológicas” (ADORNO, 2019, 73). Ainda, sobre as condições necessárias “foi afirmado que a estrutura de personalidade deve ser tal que torne o indivíduo suscetível à propaganda antidemocrática [...] de forma que o que agora é potencial se tornaria efetivamente manifesto. A resposta deve ser buscada não em qualquer personalidade singular nem em fatores de personalidade encontrados na massa de pessoas, mas em processos atuantes na sociedade ela mesma” (ADORNO, 2019, 83).

⁴⁰ Como forma de tentar evitar a repetição do nazismo, e já tendo interiorizado parte dos ideais individualistas norte-americanos articulados com a ideologia de que a ascensão nazista se referia a falta de educação e esclarecimento, afirmou que: “considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização” (ADORNO, 1965, p. 4).

abertamente anticomunistas, tornou-se um conhecido soviólogo.

Não bastasse ter escrito alguns livros críticos ao tipo de marxismo desenvolvido na URSS, em sua prática concreta trabalhou em agência de inteligência norte-americana. Sua tentativa de analisar “as principais tendências do marxismo soviético desde a partir do ponto de vista de uma “crítica imanente”” (MARCUSE, 1975, p. 7) foi bem aproveitada pela inteligência dos órgãos de Estado estadunidense, onde trabalhou para a Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), o antecessor da Agência Central de Inteligência norte-americana (CIA) (THORKELOSON, 2020). Do Instituto, foram rapidamente lembrados, a partir das fontes secundárias, Jürgen Habermas (1929 -) e Erich Fromm (1900 - 1980).

Ainda neste primeiro momento, seguimos para a segunda escola golpeada pelo nazismo, a Psicanálise. Relembramos parte da biografia de Sigmund Freud (1856 - 1939) e sua família. Morreu pouco antes de estalar oficialmente o início da Segunda Guerra, mas tendo sido perseguido por ser judeu nos anos anteriores, foi obrigado a sair de Viena em 1938 e deslocar-se para a Inglaterra, com ajuda da embaixada norte-americana e de Marie Bonaparte. Morreria no ano seguinte. Utilizamos como base, o livro A Fuga de Freud de David Cohen. Ainda, lembramos que ele perdeu pelo menos quatro irmãs, assassinadas em campos de concentração.

Sobre as relações da psicanálise freudiana para entender as determinações da guerra, a discussão adentrou os pormenores das trocas de cartas entre Freud e Albert Einstein (1879 - 1955) publicadas com o título de Por que a Guerra? Datadas de 1932 e 1933, período de

ascensão hitlerista ao poder na Alemanha, foram trocadas a partir de uma proposta da Liga das Nações, por meio do Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual. O físico escolheu o psicanalista para direcionar-lhe a pergunta: “Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?” (EINSTEIN, 1996, p. 132). A partir destas discussões, ambos tentam compreender as motivações que fazem com que os homens façam a guerra. Nelas, algumas das posições teóricas freudianas, articuladas entre um pacifismo individual e uma caracterização de inferioridade entre os que travam a guerra, seriam expressas em sua posição de fuga e capitulação frente ao nazismo⁴¹.

Em seguida, a discussão adentrou a obra de Wilhelm Reich (1897 - 1957). Em particular, duas de suas obras foram tratadas. Sua conhecida análise de 1933, *Psicologia de Massas do Fascismo*, e *Escuta, Zé Ninguém*, de 1945. Expulso tanto do Partido Comunista da

⁴¹ Fazendo a divisão entre camadas cultas e incultas, afirma que: “Penso que a principal razão por que nos rebelamos contra a guerra é que não podemos fazer outra coisa. Somos pacifistas porque somos obrigados a sê-lo, por motivos orgânicos, básicos” [...] a humanidade tem passado por um processo de evolução cultural (Sei que alguns preferem empregar o termo ‘civilização’). [...] Talvez esse processo esteja levando à extinção a raça humana, pois em mais de um sentido ele prejudica a função sexual; povos incultos e camadas atrasadas da população já se multiplicam mais rapidamente do que as camadas superiormente instruídas” (FREUD, 1996, p. 142). E ainda: “Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida instintual, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos. Ora, a guerra se constitui na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi inculcada pelo processo de civilização, e por esse motivo não podemos evitar de nos rebelar contra ela” (FREUD, 1996, p. 142).

Alemanha quanto da Sociedade Psicanalítica de Viena, fundiu de forma eclética explicações de ambas teorias, produzindo uma forma de interpretação de como foi possível emergir o nazismo, articulando crise social e repressão sexual como determinantes deste fenômeno histórico. Partia da concepção de que “A mentalidade fascista é a mentalidade do “Zé Ninguém”, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. Não é por acaso que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do “Zé Ninguém”” (REICH, 1988, p. 13). Ainda que considerasse determinados elementos da crise social para explicar a ascensão nazista, seu ecletismo e a tendência dominante em seu desenvolvimento teórico para a psicanálise foram mais fortes. Não por acaso, a explicação de que a repressão sexual explicava o nazismo era explícito quando afirmou que “o misticismo fascista é o anseio orgástico restringido pela distorção mística e pela inibição da sexualidade natural” (REICH, 1988, p. 17). Complementando, anos depois seu escrito, a sua capitulação teórica era reconhecida já que, “os conceitos partidários do marxismo usados neste livro tiveram de ser riscados e substituídos por novos conceitos” (REICH, 1988, p. 17). Sobre a tendência a psicanálise, em seu Psicologia de Massas do Fascismo já havia afirmado que: “O reacionário de todas as tendências condena o prazer sexual [...] porque este o atrai e, ao mesmo tempo, lhe provoca repugnância. Não consegue resolver em si próprio a contradição entre as necessidades sexuais e as inibições moralistas” (REICH, 1988, p. 120). Nas tentativas de explicação de como a repressão sexual cria um tipo de indivíduo, considerou que o fascista era um “o

indivíduo genitalmente enfraquecido, afetado por contradições na sua estrutura sexual, [e] tem de estar constantemente atento, para controlar a sua sexualidade, para preservar a sua dignidade sexual, para resistir às tentações” (REICH, 1988, p. 62). O fascista como alguém que não conseguiu sair do armário é explicação que continua entranha até os dias atuais, e teve sua origem em Reich.

Com sorte distinta de Reich, que conseguiu seguir em direção aos EUA, utilizamos as impressões de outro psicanalista, Bruno Bettelheim (1903-1990), preso em um campo de concentração nazista e que escreveu em 1943 *Individual And Mass Behavior In Extreme Situations*. A crueza do relato articulada com a sua experiência vivida serviu de substrato para a interpretação psicanalítica de processos envolvidos nos prisioneiros de campo de concentração. Como por exemplo, a maneira como adultos regrediam a relações infantis⁴² ou a existência de mecanismos de identificação entre prisioneiros judeus e membros da Gestapo nazista⁴³. Comentários laterais

⁴² “Os prisioneiros viviam, como crianças, apenas no presente imediato [...]. Eles foram incapazes de estabelecer relações objetivas duráveis. As amizades se desenvolveram tão rapidamente quanto se separaram. Os prisioneiros, como os primeiros adolescentes, brigavam com unhas e dentes, declaravam que nunca olhariam um para o outro ou fariam um com o outro, apenas para se tornarem amigos íntimos em poucos minutos” (BETTELHEIM, 1943, p. 445).

⁴³ “eles tentavam costurar e consertar seus uniformes para que ficassem parecidos com os dos guardas. O quão profundo os prisioneiros iriam nesses esforços parecia inacreditável, principalmente porque a Gestapo os punia por seus esforços para copiar os uniformes da Gestapo. Quando perguntados porque eles fizeram isso, eles admitiram que adoravam se parecer com um dos guardas. A identificação com a Gestapo não parou com a cópia de sua aparência externa e comportamento. Velhos prisioneiros também aceitavam seus objetivos e valores, mesmo quando pareciam

foram feitos a outras figuras da diáspora psicanalítica, mas sem adentrar na particularidade de suas obras, como por exemplo as histórias de Annie Reich (1902 - 1971), Otto Fenichel (1897 -1946) e o grupo "Rundbriefe", Ernst Simmel (1882 - 1947), Siegfried Bernfeld (1892 - 1953) e Frances Deri (1880- 1971).

Em seguida, adentramos alguns casos relacionados à psicologia da Gestalt. Introduzimos a partir de Farr (1998), que nos serviu de fonte secundária, lembrando que "a imigração dos psicólogos da Gestalt da Áustria e da Alemanha para a América. Isso começou já em 1927, mas se acelerou com a subida de Hitler ao poder em 1933, e com a "*Anschluss*" [anexação da Áustria pela Alemanha] de 1938 (p. 25). Ainda, nos lembrou que em 1933, "a Alemanha tornou-se um lugar impossível de se viver para os acadêmicos que eram judeus. Entre os primeiros a deixa-lá estavam Wertheimer e Lewin" (p.

contrários a seus próprios interesses. Era espantoso ver até que ponto antes mesmos prisioneiros politicamente instruídos iriam nessa identificação" (BETTELHEIM, 1943, p. 448. Tradução nossa). Outra referência da interpretação psicanalítica era sua avaliação de que era "deve-se acrescentar que os prisioneiros também foram rebaixados por técnicas que estavam enraizadas em situações infantis. Eles foram forçados a se sujar. No campo, a defecação era estritamente regulamentada; era um dos eventos diários mais importantes, discutido em grandes detalhes. Durante o dia, os presos que quisessem defecar tinham que obter a permissão do guarda. Parecia que a educação para a limpeza seria mais uma vez repetida. Parecia dar prazer aos guardas deter o poder de conceder ou negar a permissão para visitar as latrinas. (A maioria dos banheiros não estava disponível). Esse prazer dos guardas encontrou sua contrapartida no prazer que os prisioneiros sentiam ao visitar as latrinas, porque lá eles geralmente podiam descansar por um momento, protegidos dos chicotes dos capatazes e guardas. Eles nem sempre eram tão seguros, porque às vezes jovens guardas gostavam de interferir com os prisioneiros mesmo nesses momentos" (BETTELHEIM, 1943, p. 445. Tradução nossa).

143). Referia-se, portanto a Max Wertheimer (1880 - 1943) e Kurt Lewin (1890 -1947). Sobre Wolfgang Köhler (1887 - 1967), “permaneceu em Berlim como diretor do Instituto de Psicologia, manifestando uma corajosa oposição ao regime nazista, até que sua posição tornou-se insustentável” (p. 144). Consideramos que a circulação dos gestaltistas tenha mudado a fisionomia da psicologia norte-americana, através da confrontação de teorias, já que “a migração dos psicólogos da Gestalt da Áustria e da Alemanha para a América foi a fonte principal de inspiração para a psicologia social cognitiva, uma característica extremamente peculiar da psicologia social da era moderna” (p. 25 - 26)⁴⁴. Feita estas considerações, adentramos em dois textos de Kurt Lewin escritos na década de 1940 para visualizar parte do impacto na experiência do nazismo no interior do conteúdo das discussões de um psicólogo gestaltista. Foram eles A Educação da Criança Judaica de 1940 e O Ódio a si Mesmo entre os Judeus de 1941. Antes de radicar-se nos EUA, onde tornar-se-ia referência, passou pela URSS, onde desenvolveu amizade com Vigotski⁴⁵.

⁴⁴ Sobre esse processo, Farr (1998) ainda afirmou que “foi somente quando migraram para os Estados Unidos que os psicólogos da Gestalt se defrontaram com o behaviorismo. Quando isto ocorreu, opuseram-se a ele. Era uma perspectiva radicalmente diferente das suas. Acredito que tenha sido no contexto do behaviorismo nos Estados Unidos que alguns deles (mais especialmente Lewin e Heider) se tornaram psicólogos sociais. Eles não eram psicólogos sociais em seus países de origem, na Alemanha e na Áustria” (p. 144).

⁴⁵ Sobre estes episódios, Blanck lembra as afirmações da filha de Vigotski quando escreveu que Lewin “esteve um tempo em Moscou e desenvolveu certa amizade com Vigotski, a quem visitava quase diariamente em seu domicílio familiar” (p. 121). Sobre a influência na psicologia social norte americana a partir da Dinâmica de Grupo, pode ser constatado que: “Durante os anos passados em Iowa (1935-310

Antes de fechar esse primeiro momento destacamos, ainda, dois casos daqueles que não seguiram o exílio estadunidense, tão pouco capitularam. Não encaixando-se em outros momentos do GE, suas histórias foram lembradas. Georges Politzer (1903 - 1942) na França, que após juntar-se à Resistência na França, foi capturado e assassinado pela Gestapo. E Emilio Mira y López (1896 - 1964), que durante os anos da Guerra Civil Espanhola, foi lembrado através de um questionário feito para o recrutamento de membros para o Exército Espanhol Republicano que na tática de Frente Única contra o fascismo de tipo espanhol de Francisco Franco (1892 - 1975) perguntou “como será quando triunfarem os antifascistas?” (MIRA Y LOPEZ, 1944, p.). Posteriormente, com a ascensão do fascismo de tipo espanhol deslocou-se por variados países da América do Sul, fixando residência no Brasil até sua morte.

AS BASES IDEOLÓGICAS ENTRE OS CONTENDENTES

O segundo momento do GE tratou das distintas posições políticas dentro dos envolvidos na Segunda Guerra Mundial, objetivando compreender como ideologicamente foi construída a justificativa por parte dos que encabeçaram as batalhas, dando a base para entendermos como a psicologia soviética se inseriria

1945), reuniu em torno dele, exatamente como tinha feito no Instituto de Psicologia de Berlim na década de 1920, um grupo de talentosos estudantes de graduação, alguns dos quais transferiram-se com ele para o Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupo, quando este foi fundado no MIT em 1945. O grupo de estudantes de doutorado que se reuniu no MIT naqueles dois anos tornar-se-iam os pioneiros na psicologia social nos Estados Unidos na era moderna” (VIGOTSKI, 1998, p. 143-144).

posteriormente no conflito. Utilizamos como fontes primárias *Mein Kampf* de Adolf Hitler (1889 - 1945), escrito em 1925; as Memórias da Segunda Guerra Mundial de Winston Churchill (1874 - 1965), que ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1953; e principalmente A Unidade Operária Contra o Fascismo de Geórgi Dimitrov (1882 - 1949), que foi o Informe que elaborou ao VII Congresso Mundial da Internacional Comunista em 1935. Neste momento, dividimos os textos de forma que duas pessoas fossem responsáveis por organizar e conduzir a discussão. Assim, consideramos a dimensão do conflito que a Segunda Guerra teve em todos os âmbitos em geral, e para a psicologia soviética em particular, e se mostrou na maneira pelo qual representantes de distintos países relembrouam do conflito. Apesar de ser um grupo de estudos de psicologia, curiosamente a discussão política foi o momento em que houve a maior participação nas discussões entre os participantes.

O primeiro livro neste momento foi o *Mein Kampf* de Adolf Hitler. Teve sua escrita iniciada quando seu autor estava encarcerado após tentativa frustrada de um golpe de estado em 1923. Como forma de rebater algumas concepções que atualmente foram reatualizadas pela direita e extrema direita brasileira, quando igualam nazismo e comunismo, seja nas formas mais caricatas, seja naquelas mais véu aparentemente científico, o estudo da obra do principal líder do nazismo clarificava sua posição. Nele, já prometia abertamente um conflito como forma de tentar resgatar a honra perdida pela Alemanha no período posterior a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), que mergulhada em meio à crise econômica e social, buscava explicações que

312

assentavam as bases das posições abertamente racistas que fundamentariam sua doutrina.

Sua posição era de que a crise econômica alemã derivava de um “envenenamento moral, que consistia no enfraquecimento do instinto de conservação, resultante da propaganda de doutrinas que, de há muitos anos, vinham minando os fundamentos da nação e do Império” (HITLER, s/d, p. 102). Neste sentido, a fetichização do passado, como característica que fundamentou todos os fascismos clássicos, era expresso na particularidade alemã na concepção de um glorioso Império que havia cedido terreno para uma república corrupta, cuja responsabilidade eram de setores como “o judeu, acostumado à mentira, e o espírito combativo do seu marxismo” (HITLER, s/d, p. 102). Não por acaso, a justificativa hitleriana se baseava no ideal de raça, sangue e raça, posteriormente incorporadas e justificadas pela psicologia alemã⁴⁶, cuja expressão da decadência e mentira dos judeus era expressa “por tentarem provar ao mundo que a questão Judaica é uma

⁴⁶ Na particularidade da psicologia alemã que incorporou as ideias do nazismo, a discussão foi aprofundada com Vigotski (1998), que trouxe as obras de Eduard Spranger (1882 - 1963), quando de sua discussão da tipologia nacional alemã, e Narziss Kaspar Ach (1871 - 1946), em sua discussão sobre a importância da liderança, como duas tendências que criaram a base para o impulsionamento de uma psicologia fascista. Ambos representavam duas questões fundamentais para o fascismo, a questão do tipo nacional e o problema da liderança, respectivamente. Mas foi com Erich Jaensch (1883 - 1940), que sintetizou as diferentes tendências nacionalistas existentes dentro da psicologia alemã, que essas tendências foram sistematizadas e alcançaram sua plenitude, já que foi o representante da “linguagem científica da real política fascista” (VIGOTSKI, 1998, p. 109), sendo que considerava que “raça e sangue, sangue e raça, é o que mantém o mundo. (VIGOTSKI, 1998, p. 109).

questão religiosa, quando, na realidade, trata-se apenas de um problema de raça e que raça!” (HITLER, s/d, p. 103). Partia de um conspiracionismo demagógico, que mascarava a crise social alemã como sendo de responsabilidade de “uma investida combinada do capitalismo ambicioso, auxiliado pelos seus aliados do movimento marxista” (HITLER, s/d, p. 104).

Não por acaso, considerava os “homens de bem que, felizmente, ainda são a maioria da nação” (HITLER, s/d, p. 105), como vítimas desta conspiração. Também, o ataque à imprensa foi uma constante, já que “o que a chamada imprensa liberal fez antes da [Primeira] Guerra foi cavar um túmulo para a nação alemã e para o Reich. Não precisamos dizer nada sobre os mentirosos jornais marxistas. Para eles o mentir é tão necessário como para os gatos o miar” (HITLER, s/d, p. 107). Ainda, o alarde moral em torno da sexualidade se fazia presente, já que a prostituição aumentava “as devastações da sífilis. As conseqüências dessa epidemia geral podem ser examinadas nos hospícios e infelizmente também nas crianças. Sobretudo estas são o mais triste resultado do constante e progressivo infeccionamento da nossa vida sexual” (HITLER, s/d, p. 109). As bases de sua doutrina já haviam sido fundamentas, restando um corpo de militares e cientistas encarnar e dar a forma concreta ao estado nazista após a sua ascensão.

O texto seguinte debatido foi A Unidade Operária Contra o Fascismo de Dimitrov. Em 1933 o Reichstag alemão foi incendiado, através de uma operação de falsa bandeira visando combater as atividades dos comunistas no país. O búlgaro Dimitrov foi preso e julgado pelos nazistas após o incêndio. Seu julgamento foi conduzido

diretamente por Hermann Goring (1893 - 1946), fundador da Gestapo, sob as ordens diretas de Hitler. A ordem era propagandear a maneira pelo qual os nazistas tratariam os comunistas após a subida ao poder. No GE, fizemos a questão de ler o poema de Brecht denominado "Ao Camarada Dimitrov, quando lutou diante do Tribunal fascista em Leipzig", em que o conhecido poeta que admirado pela história de luta lembrava da posição digna do acusado em seu julgamento: "Incriminas os criminosos e leva-os a gritar e te arrastar e assim confessar que não têm razão, apenas força. E que podem te matar, mas nunca te vencer" (BRECHT, 2012, p. 112). O julgamento de Dimitrov está inscrito na história como um dos mais altos cumes da luta travada pelos antifascistas atrás das grades, em que incriminando aqueles que o julgavam, prometia abertamente aos seus carrascos a sua inevitável destruição. Sob um tribunal repleto de inimigos, declarou abertamente que não reconhecia as leis de um tribunal nazista, já que para ele "a suprema lei é o programa da Internacional" (DIMITROV, 2009, p. 3)

Após sua libertação dos cárceres, deslocou-se para a URSS. E sob orientação da Internacional escreveu seu Informe em 1935. Nele, fez a mais importante análise da ascensão do fascismo e orientou a forma de se conduzir a luta contra o fascismo em diferentes países. Colocou a necessidade de "luta conjunta contra o perigo cada vez mais iminente da guerra imperialista, luta que dificultaria a preparação desta guerra" (DIMITROV, 1978, p. 34). Também, a construção de frentes para combate contra o nazifascismo em diferentes países, já que é através da "mobilização das massas trabalhadoras para a luta

contra o fascismo, [que] temos como tarefa especialmente importante a criação de uma extensa frente popular antifascista, sobre a base da frente única proletária”⁴⁷ (DIMITROV, 1978, p. 37). Em sua análise, asseverava que foi o terreno da conciliação de classes que propiciou a ascensão da extrema direita em um período de crise econômica e social, já que “a Alemanha fascista, com todos seus horrores e barbárie, é, em última análise, uma consequência da política social-democrata de colaboração de classe com a burguesia”⁴⁸ (DIMITROV, 1978, p. 28).

⁴⁷ Nas discussões sobre o Informe de Dimitrov, o trabalho em três países coloniais e semicoloniais foram colocados como prioritários: Brasil, Índia e China. No que se refere ao primeiro, a discussão girou em torno do papel de Olga Benário (1908 - 1942), funcionária da Internacional, que havia se deslocado para o Brasil para desenvolver parte do trabalho junto a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Uma das alunas trouxe o livro que contava a biografia de Olga escrita por Fernando Morais. Interessante notarmos que já era uma dirigente revolucionária experimentada, enquanto no Brasil o voto feminino havia sido outorgado apenas em 1932. Como consequência da política do trabalho feminino defendida pela Internacional, a concretude se mostrava “em nossos esforços por arrastar a mulher trabalhadora ao movimento revolucionário, [e] não devemos recear a criação de organizações especiais de mulheres, onde seja necessário fazê-lo. O preconceito de que é preciso liquidar, nos países capitalistas, as organizações femininas que se acham sob a direção dos Partidos Comunistas, por exigência da luta contra o “separatismo feminino” no movimento operário, é um preconceito que acarreta frequentemente grandes prejuízos” (DIMITROV, 1978, p.62).

⁴⁸ Como forma de visualizar as consequências da conciliação de classes e ascensão da extrema direita em caso particular da América do Sul, foi indicado a trilogia A Batalla do Chile, que tratava de como a política conciliatória do presidente chileno Salvador Allende (1908 - 1973) deixou o caminho aberto para uma extrema direita organizar um golpe de estado. Ainda sobre o papel da conciliação de classes e o fortalecimento de uma extrema direita, foram lembrados que na concretude brasileira recente, após os governos de conciliações é que se tornaram possíveis, novamente, o seu ressurgimento com maior força e organização.

A definição mais conhecida e importante de qual era o caráter do fascismo, que circulou por dezenas de países, foi sintetizada em sua famosa definição de que “o fascismo é [...] a ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro. A sua variedade mais reacionária é o alemão. Este atua como tropa de choque da contra-revolução internacional” (DIMITROV, 1978, p.11). Se o conflito mundial era iminente, como atestado pelos distintos antagonistas, era questão de tempo até que a guerra rebentasse.

Os textos seguintes debatidos foram excertos do segundo volume da Memórias da Segunda Guerra do Primeiro Ministro inglês, Winston Churchill. Sua autobiografia condensa a avaliação sobre suas impressões durante a Segunda Guerra. Interessava-nos saber qual foi o papel desempenhado pelos soviéticos durante os anos de conflito e, com isso, ter a dimensão para a comparação com os trabalhos dos psicólogos soviéticos quando inseridos dentro da guerra.

Sobre a invasão hitlerista, Churchill (2018) lembrou o papel desempenhado pelos soviéticos, já que “os exércitos russos, naquele momento, estavam aguentando o peso de um ataque sem precedentes. [...] Se a Rússia soviética fosse derrotada, como poderíamos vencer a guerra?” (p. 559). Aquilo que havia começado com a invasão alemã em território soviético se transformou em uma guerra de todo o povo em que todas as camadas da sociedade soviética resistiram. Não por acaso, o líder inglês lembrou que o pesado fardo das batalhas decisivas foram ordenadas pelo principal líder soviético, já que “em 19 de outubro Stalin proclamou o estado de

sítio na capital e expediu uma Ordem do Dia: “Moscou será defendida até o fim.” Seu comando foi fielmente obedecido” (CHURCHILL, 2018, p. 562). Até mesmo o principal líder inglês, aliado tático e inimigo estratégico dos soviéticos, foi obrigado a reconhecer que a força principal na disputa da Segunda Guerra foi decidida necessariamente pelo povo soviético, assim como foram eles os responsáveis pela eliminação das duas principais figuras do fascismo de tipo italiano e de tipo alemão⁴⁹. Aqui seguiríamos para o momento seguinte, e principal, dentro do GE, para responder à pergunta que nos perseguia: qual foi o papel desempenhado pela psicologia soviética durante os anos de guerra?

⁴⁹ Sobre a eliminação das principais figuras do fascismo, o líder inglês lembrou do papel dos soviéticos em suas mortes: “Por instrução dos comunistas, o Duce e sua amante foram levados num carro no dia seguinte e fuzilados. Seus corpos, junto com outros, foram mandados para Milão e pendurados de cabeça para baixo em ganchos de açougue, num posto de gasolina na Piazzale Loreto, onde, pouco tempo antes, um grupo de partisans fora fuzilado em público. Foi o destino do ditador italiano. Enviaram-me uma fotografia da cena final, que me deixou profundamente abalado. Mas, pelo menos, poupou-se ao mundo uma Nuremberg italiana” (CHURCHILL, 2018, p. 1086 - 1087). Sobre o aniquilamento da principal figura do nazismo, lembrou como as tropas soviéticas impulsionaram-o a apertar o gatilho contra sua cabeça enquanto escutava as tropas soviéticas em Berlim a sua caça: “Hitler tomou sua derradeira e suprema decisão de permanecer em Berlim até o fim. A capital logo foi completamente cercada pelos russos e o Führer perdeu todo o poder de controlar os acontecimentos. Restou-lhe organizar sua própria morte, em meio às ruínas da cidade” (CHURCHILL, 2018, p. 1094).

A PSICOLOGIA SOVIÉTICA FRENTE A INVASÃO HITLERISTA E A GRANDE GUERRA PATRIÓTICA

No entanto, como nosso interesse principal centrava-se na atuação da psicologia soviética, no terceiro momento do GE, partimos de como a análise de Dimitrov serviu de horizonte para a condução da luta contra o fascismo em geral e, consequentemente após a invasão hitlerista em solo soviético, deu aportes para a incorporação de todos os estratos sociais no conflito, incluindo a psicologia soviética. Adentramos, então, algumas das obras da psicologia soviética que trataram a relação da psicologia e sua compreensão e inserção nas lutas contra o nazismo. Lembramos de Martha Shuare, argentina e historiadora da psicologia soviética que lá residiu, quando afirmou que “muitos psicólogos [soviéticos] incorporaram-se às filas do exército, participando diretamente nos combates e utilizando seus conhecimentos para contribuir na solução das tarefas mais diversas no campo de batalha” (SHUARE, 2016, p.125). Quando tratou da “psicologia nos anos 1940 - 1950: a guerra e a paz”, lembrou particularmente dos trabalhos de A. R. Luria (1902 - 1977) sobre a afasia traumática e relacionados a Neuropsicologia; os trabalhos de A. N. Leontiev (1903 - 1979) e A. V. Zaporózets (1905 - 1981) sobre a recuperação de movimentos, assim como a discussão relacionada ao caráter objetal da atividade psíquica; de B. G. Ananiev (1907 - 1972) sobre relações sensoriais e de linguagem; e de B. M. Teplov (1896 - 1965) sobre a inteligência prática. Partindo deste panorama geral, particularizamos as

discussões do GE em alguns trabalhos concretos da psicologia soviética.

Partimos para o texto *El fascismo y la psicologia* de Lev S. Vigotski (1896 - 1934), escrito em 1933 e publicado no ano seguinte, como um iniciador das discussões de como a psicologia soviética mirava o conflito com a Alemanha como horizonte inevitável. A análise de que a crise da psicologia havia atingido um novo patamar se refletia particularmente na situação alemã. Não por acaso, “a profunda crise que padeceu a psicologia burguesa nas décadas seguintes se agudizou depois do golpe fascista na Alemanha” (VIGOTSKI, 1998, p.105. Tradução nossa). Lembrou o expurgo de alguns dos profissionais da psicologia naquele território quando “a Alemanha depois do golpe [hitlerista] perdeu seus melhores psicólogos, os mais progressistas e os mais avançados cientificamente (VIGOTSKI, 1998, p. 112. Tradução nossa). Antes de ir para os EUA, o já citado gestaltista Kurt Lewin, passou algum tempo em Moscou e encontrou-se em solo soviético diretamente com Vigotski.

Decorrente deste giro reacionário no mundo, plasmado na psicologia alemã com a discussão de sangue e raça, a própria ciência psicológica se via inserida no interior do conflito. No referido texto, encomendado pelo Instituto de Medicina Experimental da União Soviética, o psicólogo já alertava para a inevitável agudização que se colocava no plano histórico já que “o resto da ideologia fascista, não pode nos conduzir para outro caminho que não o da intensificação da luta de classes na ciência em geral e no campo da psicologia em particular” (VIGOTSKI, 1998, p. 118.

320

Tradução nossa). A própria psicologia soviética, cuja principal categoria de era a discussão do processo de desenvolvimento da consciência através da prática socialmente determinada, via as características do tipo de consciência que se desenvolvia em parte do mundo, já que “o campo burguês da consciência continua sendo modelado entre os escombros de uma ressuscitada Idade Média” (VIGOTSKI, 1998, p. 118. Tradução nossa).

Neste sentido, a própria psicologia soviética já afirmava em inícios da década de 1930, mais de meia década antes de oficialmente iniciar os confrontos da Segunda Guerra, que “dois mundos e dois sistemas ideológicos se enfrentam armados um contra o outro. [...] Isto põe sobre a psicologia soviética uma carga especialmente pesada de responsabilidade” (VIGOTSKI, 1998, p.118). E vislumbrava que viria o “momento da batalha decisiva e final, a maior e mais justa que a humanidade conheceu ao longo de toda a sua história” (VIGOTSKI, 1998, p. 117 - 118. Tradução nossa). Sem ilusões quanto à inevitabilidade dos conflitos contra os nazistas, o campo científico da psicologia soviética se desenvolveu articulado com a prática, que foi instrumentalizada anos depois no conflito.

Com a invasão hitlerista ao solo soviético em 1941, foi iniciada a resistência armada soviética contra os nazistas naquilo que ficou conhecido como Grande Guerra Patriótica (1941 - 1945). A promessa do confronto armado na década anterior, com alta carga de responsabilidade sobre os psicólogos soviéticos, seria colocada à prova da prática em uma guerra justa contra o invasor. Não por acaso, o psicólogo soviético Sergei Rubinstein (1889 - 1960), escreveu em 1943, o artigo A

Situação da Psicologia Soviética na Grande Guerra Patriótica, que discutimos nas reuniões do GE. Em seu trabalho, estava sintetizada as diferentes frentes de trabalho dos psicólogos soviéticos durante o período, assim como sua submissão aos deveres de combater o nazifascismo. É neste sentido é que afirma que “a Grande Guerra Patriótica colocou para a psicologia soviética, bem como para outros ramos da nossa ciência soviética, tarefas de importância excepcional” (RUBINSTEIN, 1943, p. 1). Partindo da crítica das chamadas “fabricações pseudocientíficas fascistas sobre raças “superiores” e “inferiores”, sobre sangue e raça como fatores decisivos na predeterminação das capacidades do indivíduo e de seu destino” (RUBINSTEIN, 1943, p. 4), o psicólogo enumera os trabalhos da psicologia soviética envolvidos no interior da guerra, naquele momento já transformada em uma guerra de todo povo⁵⁰.

Sobre os trabalhos de psicólogos soviéticos durante o período, Rubinstein (1943) lembrou alguns, como por exemplo, o laboratório de psicofisiologia do Instituto de Psicologia a cargo de K.Kh. Kekcheev e S.V. Kravkov, com trabalhos de combate à cegueira; os

⁵⁰ Isto significava que todas as camadas da sociedade estavam envolvidas, homens e mulheres, cientistas e artistas, etc. Lembramos no GE o caso de Lyudmila Pavlichenko (1916 - 1974), sniper russa que eliminou algumas centenas de invasores nazistas homenageada com a Estrela de Ouro de Herói da União Soviética. Quando perguntada quantos homens havia matado, respondeu que homens nenhum, eram 309 fascistas. Enquanto as mulheres norte-americanas durante a guerra poderiam apenas alargar seus trabalhos para além da vida doméstica em fábricas com a ausência dos homens mandados para combater, as mulheres soviéticas não apenas iam para as trincheiras, mas alçaram os ares como as Aviadoras da Força Aérea Soviética. Foram as chamadas Bruxas das Noites, responsáveis por bombardear os nazistas.

trabalhos desenvolvidos no Instituto de Psicologia por Ye.N. Semenovskaia; assim como o escrito *A Mente* de um General feito por B.M. Teplov; também os hospitais de reabilitação liderados por A. R. Luria e Leontiev; assim como o trabalho de outros psicólogos como Ananiev, A. Ya. Kolodnoy no Instituto Cerebral de Moscou.

O princípio basilar de submissão da teoria à prática, como fundamento da psicologia na URSS, fez com que desde seu início a psicologia soviética se desenvolvesse em estreita conexão com a resolução de problemas concretos, sendo “estes pontos, formulados antes da guerra com a Alemanha nazista, [mas que] tiveram uma expressão concreta durante os tempos de guerra no trabalho dos psicólogos nos hospitais de reabilitação⁵¹” (RUBINSTEIN, 1943, p. 5).

Sintetizando ainda o papel da psicologia soviética em particular, articulada à ciência soviética em geral, Rubinstein (1943) afirmou que no terreno “da Grande Guerra Patriótica contra os invasores fascistas, os psicólogos soviéticos, tomados pelo mesmo impulso patriótico que une e inspira todo o povo soviético, consideraram seu dever patriótico direto dirigir seu trabalho científico para ajuda na defesa de nossa pátria, para ajudar no front” (p. 6). A relação entre os diferentes setores da sociedade e a forma com que foi travada

⁵¹ Sobre a relação entre teoria e prática como unidades inseparáveis, lembraria ainda que “uma grande tarefa agora se abre diante da psicologia soviética aqui: na prática clínica, que deve trazer a restauração da fala a muitas vítimas da agressão fascista, incluindo-as novamente na vida, na comunicação humana, ao mesmo tempo desenvolvendo na prática uma doutrina concreta comprovada de fala e pensamento sobre novos, nossos fundamentos metodológicos” (RUBINSTEIN, 1943, p. 14).

guerra e articulada com a psicologia soviética naqueles tempos, foi bem sintetizada por Rubinstein (1943) no trecho a seguir:

A Grande Guerra Patriótica que nosso povo soviético está travando contra os invasores nazistas é uma guerra de todo o povo. Milhões de pessoas participam dela, algumas das quais saem dela com algum tipo de lesão. A restauração da capacidade de combate e de trabalho dos soldados feridos é uma tarefa de enorme importância prática. Os psicólogos soviéticos se envolveram neste trabalho (RUBINSTEIN, 1943, p. 11. Destaques nossos).

E conclui que “a tremenda construção da paz que acontecerá em nosso país após o final vitorioso da guerra trará uma série de outras tarefas. Agora é necessário se preparar para estas tarefas. O papel da psicologia se tornará ainda mais importante na solução destas tarefas da construção pacífica - econômica e cultural” (RUBINSTEIN, 1943, p. 21).

Entre alguns trabalhos citados por Rubinstein, seguimos no GE para o trabalho de Alexander R. Luria (1902 - 1977). A discussão seguiu então para o livro *O Homem com um Mundo Estilhaçado*, em que conta a história de um combatente do Exército Vermelho que foi acompanhado pelo psicólogo por duas décadas e meia desde 1943, narrando “o dano causado à vida de um homem por um projétil que penetrou seu cérebro” (LURIA, 2008, p. 19).

Seguimos, então, até o livro *Psicologia General* do já citado Serguei Rubinstein, cujo Prólogo à Segunda Edição publicado em maio de 1945 relembra a história dos acontecimentos recentes, em que o fim da Segunda Guerra havia chegado a poucos dias: “Se preparou a

segunda versão desta obra para ser impressa nos dias da Grande Guerra Pátria. Todas as forças e todos os pensamentos se concentravam naqueles dias na guerra, cujo resultado dependia o destino da humanidade” (RUBINSTEIN, 1977, p. 13. Tradução nossa). A continuação do Prólogo é síntese fidedigna com os acontecimentos e relações entre uma sociedade que incorporou seus psicólogos em uma guerra total contra o nazismo, demonstrando na prática os desenvolvimentos teóricos outrora acumulados:

Nesta guerra, nosso Exército Vermelho defendia os melhores ideais de toda a humanidade progressista contra a barbárie que jamais havia sido conhecida pelo mundo. Maidanek, Buchenwald, Auschwitz e outros campos de extermínio, que agora se apresentam de forma livre diante dos olhos da humanidade, permanecem para sempre na memória não apenas como lugares de torturas desumanas daqueles que foram martirizados pelos carrascos fascistas, mas também como expressão de uma decadência humana como jamais havia sido possível imaginar nem na mais torta fantasia.

Este livro apareceu nos inesquecíveis dias em que a Grande Guerra Pátria, a guerra de todos os povos amantes da paz contra o fascismo, acabou vitoriosamente. Nossa justa causa venceu. Mas agora frente a decadência do que se passou, se levantam contra nós com novo significado, os grandes e fundamentais problemas ideológicos do pensamento filosófico e psicológico”. (RUBINSTEIN, 1977, p. 13. Tradução nossa).

Notemos que o final da Segunda Guerra foi em maio de 1945. Os soviéticos, incluindo seus psicólogos como exemplificado anteriormente por Rubinstein (1977),

já a consideravam encerrada após a eliminação dos dois principais líderes fascistas, restando apenas tempo até a rendição oficial de um Japão completamente isolado. Não tendo a capacidade de capturar e eliminar nenhuma das duas principais figuras do fascismo, restou a Inglaterra e EUA serem cúmplices no crime de guerra que terminou por jogar duas bombas atômicas na população civil para subjugar um país já derrotado. Em agosto de 1945, as bombas *Little Boy* e *Fat Man* foram arremessadas sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki, terminando por subjugar o último dos países do Eixo⁵². Iniciaria o período da chamada Guerra Fria, em que a dinâmica das relações geopolíticas seria transformada nas décadas seguintes. E, com ela, necessariamente, as formas particulares de desenvolvimento da ciência psicológica em cada uma das zonas de influência dos vencedores sobre os vencidos.

ANÁLISE / AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Como forma de fazer a avaliação da experiência do GE, um grupo ficou responsável por fazer contato com aqueles que eram integrantes ativos, assim como aqueles que haviam participado ao menos uma vez. As respostas foram sistematizadas de forma anônima sem o filtro do

⁵² Sobre a moralidade de tais atos, o líder inglês lembrou que: “Seja como for, nunca se discutiu nem por um momento se a bomba atômica deveria ou não ser usada. Evitar uma vasta e infundável carnificina, levar a guerra ao seu fim, trazer a paz para o mundo e cicatrizar as feridas de seus povos torturados, por meio da manifestação de um poder esmagador, ao preço de umas poucas explosões, pareciam, após todos os nossos esforços e perigos, um milagre de libertação” (CHURCHILL, 2018, p. 1115).

professor que era responsável pela organização para não expor aqueles que a fizeram, garantindo assim fidelidade do que foi respondido.

No que se refere aos aspectos positivos, alguns pontos foram ressaltados pelos membros. Como todo encontro era permeado pela leitura de algum poema da época, isto alargava a possibilidade em perceber como os períodos anterior e ao decorrer da Segunda Guerra foram difíceis, assim como dimensionava as distintas maneiras com que os países foram afetados. Também, se exercitou diferentes formas de linguagens. Além da poesia, a leitura, a escrita, cartazes, fotos e materiais complementares como filmes e documentários foram utilizados. Como forma de saturar as múltiplas determinações de como a Segunda Guerra impactou o desenvolvimento da psicologia soviética, destacado foi ter sido possível ir além da mera produção acadêmica, compreendendo como se manifestava as variadas ideologias e suas influências em todas as camadas da sociedade.

Com relação às leituras, a análise dos membros foi de que não tiveram caráter monótono, mas com vivacidade tanto naquilo que se referia aos textos da própria psicologia, como de outras personagens inseridos no interior do conflito. Em particular, isso se expressou nos escritos de Adolf Hitler, Winston Churchill e, principalmente, Geórg Dimitrov. Ainda foi colocado que, como consequência, foi possível o desenvolvimento de uma visão crítica acerca do passado e da realidade vivida.

Outro ponto de destaque é que nos encontros semanais foi possível fazer uma correlação do presente

com o passado, sendo ressaltada as discussões realizadas após a leitura de capítulos do livro *Mein Kampf*. O livro como fonte primária impactou consideravelmente os estudantes por ter sido a base que fundamentou a ideologia nazista, que transformou a geopolítica mundial no século passado. Também, a compreensão das distintas posições que construíram as justificativas ideológicas para os conflitos ocorridos nos anos da Segunda Guerra, e sua similaridade com discursos atuais, foram destacados.

Desta forma, foi apontado o paralelismo do momento econômico da Alemanha em crise e do Brasil atual, em que os governos de conciliação de classes da social-democracia precedem e constituem o terreno propício para a ascensão da extrema direita, marcado por um modelo de crise cíclica do capital⁵³. Isso foi evidenciado a partir do Informe de Dimitrov, que foi largamente discutido em sala. Sendo esta realidade considerada como não tão antiga ou fruto de um passado superado, mas apresentando determinadas tendências em desenvolvimento na atualidade.

No que se refere aos aspectos negativos, outros pontos foram discutidos. As aulas expositivas que marcaram o primeiro momento foram caracterizadas

⁵³ Entre os exemplos desse paralelismo entre falas ditas a quase um século atrás, mas que tinham correspondentes recentes estão as discussões dos homens de bem feita por Hitler, que teve sua referência atualizada no Brasil do século XXI, assim como a utilização da sexualidade como uma das formas de ataque a inimigos que enfraquecem a nação, seja a sífilis na Alemanha hitlerista, seja com o famigerado kit gay, na atualidade. E é claro, a defesa da pátria, da moralidade, de uma aparente luta contra a corrupção no interior de uma democracia sendo golpeada é algo cuja aparência se mostrava em ambos os casos.

como sendo mais maçantes, teóricas e com poucas interações. Quando essas aconteciam, eram feitas com certo receio, talvez pela complexidade daqueles textos aliadas a sobrecarga que a faculdade apresentava para os discentes.

Com relação a forma organizativa presencial, o grupo teve alguns percalços. O horário foi um problema diferente para cada integrante, sendo que alguns ficaram indisponíveis em determinados momentos. Outra dificuldade, foi o tempo curto para a discussão, apenas uma hora e meia em cada reunião, pois tivemos de nos conter para não nos alongarmos em alguns assuntos visando não ultrapassar o tempo. Portanto, uma das possibilidades a serem consideradas para o futuro e para grupos que possam se basear nesse em questão é a melhora da frequência e sua duração, pois assim todos teriam participação ativa, dando maiores possibilidades até mesmo aos mais tímidos.

Ao final do balanço, foi considerado que o GE teve muito mais pontos positivos do que negativos. As discussões se demonstraram fundamentais para a compreensão do cenário atual do Brasil, quando comparado historicamente a outro momento da realidade. Os diferentes discursos estudados permitiram aos estudantes a compreensão da totalidade dos fenômenos. Com isso, pontua-se que, apesar das adversidades apresentadas, o grupo de estudos foi satisfatório aos participantes por trazer um ponto de vista crítico e diversificado sobre o conflito, ajudando a criticar a visão hegemônica estadunidense relacionada ao conflito e que está impregnada no dia a dia da sociedade em geral e nas bibliografias da psicologia em

particular. Afinal, a produção ideológica da história da psicologia jamais esteve apartada da história da luta de classes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Correspondência Adorno-Benjamin**: 1928-1940. São Paulo: Unesp, 2012.

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. 1965. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5090779/mod_resource/content/1/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf

Acesso em: 12 dez. 2022.

ADORNO, T. Estudos sobre a Personalidade Autoritária. São Paulo: Unesp, 2019.

BRECHT, B. **Poemas 1913 - 1956**. São Paulo: Editora 34, 2012.

CHURCHILL, W. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**: volume 2 (1941 - 1945). Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

DIMITROV, G. **A Unidade Operária Contra o Fascismo**. Belo Horizonte; Aldeia Global, 1978.

DIMITROV, G. **Dimitrov contra Göring**: discurso final ante o tribunal nazi. Estouras, 2009. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dimitrov/1933/12/16.pdf> Acesso em: 12 dez. 2022.

EINSTEIN, A. Carta de Einstein. /n. FREUD, S. Volume XXII. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932 - 1936). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FARR, R. **As raízes da psicologia social moderna**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. A Fuga de Freud de David Cohen.

FREUD, S. Por que a Guerra? /n. FREUD, S. Volume XXII. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932 - 1936). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HITLER, A. **Minha luta. (s/d)**. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVzMw> Acesso em: 12 dez. 2022.

JAY, M. **A Imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais - 1923-1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LUKÁCS. G. **Grande Hotel "Abismo"**. 1933. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1933/mes/91.pdf> Acesso em: 12 dez. 2022.

LURIA, A. R. **O Homem com um Mundo Estilhaçado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, H. **Contra-revolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, H. **O Marxismo Soviético**. Madrid: Alianza, 1975. Disponível em: https://monoskop.org/images/2/2c/Marcuse_Herbert_El_marxismo_sovietico.pdf Acesso em: 12 dez. 2022.

Mein Kampf de Adolf Hitler

MIRA Y LÓPEZ, E. **La psiquiatria en la guerra**. Buenos Aires: Médico-Quirúrgica, 1944.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RUBINSTEIN, J. L. **Principios de Psicologia General**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1977.

RUBINSTEIN, S. L. **A Situação da Psicologia Soviética na Grande Guerra Patriótica**. 1943. Disponível em: <https://medium.com/katharsis/rubinstein-psicologia-sovietica-guerra-mundial-de7460f8b157> Acesso em: 12 dez. 2022.

SHUARE, M. **A psicologia soviética: meu olhar**. São Paulo: Terracota, 2016.

SOARES, J. C. Escola de Frankfurt: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. /n. JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (org.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

THORKEELSON, N. **Marcuse em Quadrinhos**. São Paulo: Veneta, 2020.

VIGOTSKI, L. S. El fascismo y la psicologia. /n. VIGOTSKI, L. S. **El desarrollo cultural del niño y otros textos inéditos**. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1998.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritoarodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

